

O MOVIMENTO RIOT GRRRL: HISTÓRIAS, LETRAS E RESISTÊNCIAS À CULTURA DA VIOLÊNCIA

Juliana Aparecida dos Santos Miranda¹

Resumo: Este paper é uma breve apresentação dos resultados parciais da dissertação O movimento riot grrrl: histórias, letras e resistências à cultura da violência. Neste estudo, refletimos sobre os modos de produções de mulheres artistas, escritoras/compositoras, tendo como foco o movimento musical riot grrrl, movimento que unifica a música punk com a militância feminista. Através de uma metodologia qualitativa, promovemos uma discussão a fim de pensarmos sobre as subjetividades inseridas nos discursos das canções, refletindo sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal, onde as construções culturais impõem para elas lugares secundários e restritivos. Selecionamos produções textuais de grande valia para cumprir o propósito de documentar a história do movimento riot grrrl, por este motivo, trata-se não apenas de uma pesquisa sobre textos literários, mas engloba em suas linhas o surgimento e a resistência de um movimento contracultural, que se situa a margem do sistema hegemônico de produção, buscando ressignificar os espaços destinados às mulheres a partir deste lugar de fala. A análise das canções selecionadas se dá sob a perspectiva da denúncia, do combate e do enfrentamento às violências contra as mulheres, neste sentido, os discursos analisados trazem em sua abordagem questões sobre a violência vertical, cujo o homem assume o papel de agressor, e a violência horizontal, quando a violência é praticada por mulheres.

Palavras-chave: Riot Grrrl. Violências contra mulher. Modos de produção feminista.

O estudo proposto por mim para a dissertação do mestrado em crítica cultural é continuação do estudo desenvolvido para o meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado de *As violências contra a mulher denunciadas em canções de protesto de bandas feministas*. Neste trabalho, busquei refletir sobre as produções de mulheres escritoras e compositoras a fim de demarcar o lugar de fala dessas mulheres. O objetivo central da pesquisa, no entanto, foi a análise dos discursos inserido nas canções de protesto compostas por mulheres. Através das composições, discuto a questão da violência contra mulheres, cujo o homem ocupava o papel de agressor. Assim, tratei da violência sexual, doméstica, familiar e intra-familiar em 8 composições. Este trabalho foi aprovado com nota máxima pela Profa. Dra. Lúcia Leiro e pelo Prof. Dr. Paulo Cesar Garcia, ambos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Neste momento do estudo, mestrado em Crítica Cultural, segui um caminho similar, mas com alguns diferenciais necessários para o enriquecimento desta discussão. Em parceria com minha orientadora, a professora Dr^a Carla Patrícia Santana, acrescentei a pesquisa dados importantes sobre a história do movimento *Riot Grrrl*, apontando seu contexto precursor, seu desenvolvimento e observando a forma como este movimento refletiu no Brasil. Trouxemos análises de novas composições, abordando as discussões sobre a violência horizontal (no trabalho anterior abordamos

¹ Mestranda em Crítica Cultural pelo programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Pesquisadora Capes. Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Patrícia Santana. Endereço eletrônico: julianasami@gmail.com.

apenas as violências verticais) e apontamos outros temas recorrentes. Buscamos situar a/o leitora do contexto em que essas composições estão inseridas. Pensando, desta maneira, nos modos de produção feministas fora do sistema hegemônico capitalista.

Metodologicamente, na escrita deste trabalho, as canções vão surgindo ao longo da pesquisa, não de forma ilustrativa, mas como peças fundamentais para a compreensão do feminismo empírico proposto por este movimento. Deste mesmo modo ocorre com as discussões teóricas. Não há um capítulo onde a teoria esteja concentrada. Para garantir a fluidez da escrita e permitir que a relação entre o objeto de estudo e as teorias seja de cooperação e não de indução, distribuimos as discussões teóricas ao longo do texto, respeitando, sobretudo, a lógica empírica da questão. Deste modo, este estudo dialoga tanto com teóricas que discutem as relações de gênero e os estudos culturais, como evidencia as vozes de mulheres artistas que se utilizam do feminismo empírico para construir, reafirmar e reivindicar o seu lugar de fala.

Utilizamos da metodologia qualitativa para promover uma discussão em que fosse possível pensar nas subjetividades inseridas nos discursos das canções, refletindo sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal, onde as construções culturais impõem para elas lugares secundários e restritivos. As abordagens teóricas foram intervindo nas discussões complementando e embasando as significações provenientes do exercício de interpretação realizado. Para este estudo selecionamos produções textuais e imagens de grande valia para cumprir o propósito de documentar a história do movimento *Riot Grrrl*. Por este motivo, trata-se não só de uma pesquisa sobre textos literários, mas engloba em suas linhas o surgimento e a resistência de um movimento contracultural, que se situa à margem do sistema hegemônico de produção, buscando ressignificar os espaços destinados às mulheres a partir deste lugar de fala.

Estruturalmente, este estudo está dividido em 3 capítulos, cada um trazendo uma discussão específica, contribuindo para o enlace da reflexão proposta. Em relação ao objeto de estudo, propriamente dito, cabe ressaltar que, ao todo, 14 músicas, de bandas riot grrrl brasileiras diversas, foram analisadas e interpretadas ao longo desta pesquisa, até o momento.

Introduzimos este estudo fazendo algumas colocações acerca dos conceitos que podem ser relacionados a cultura. Neste momento, observamos o modo como a cultura pode ser algo positivo, mas também poder ser negativo. Seu viés positivo geralmente está representado pelas manifestações artísticas e costumes ou tradições das comunidades. Por outro lado, a cultura exhibe seu aspecto negativo quando, baseada em tradições naturalizadas, utiliza de instrumentos de poder para impor normatizações hegemônicas e subjugar grupos menores. De acordo com Coelho (2008):

A cultura surge do eterno conflito entre a cultura da vida, a cultura subjetiva, produtora de formas culturais ativas postas em prática aqui-e-agora pelos indivíduos criadores e as formas culturais reificadas, relativamente congeladas, que constituem a cultura objetivada (COELHO, 2008, p. 97).

Neste contexto, onde o conflito da cultura da vida e da cultura subjetiva possibilitam à cultura ramificações diversas, ressaltamos a cultura da violência contra a mulher como sendo fruto desta manifestação negativa da cultura e, em oposição a esta, evidenciamos as manifestações artísticas de mulheres feministas que buscam, por meio da arte, criar mecanismos de denúncia contra as violências e de defesa dos direitos das mulheres.

No primeiro capítulo abordamos o início do movimento *Riot Grrrl*, movimento que surgiu nos Estados Unidos na década de 1990 e consistiu em associar o movimento feminista ao movimento punk. Em resumo,

As garotas do Riot Grrrl tinham como objetivo incentivar outras garotas a chamar as amigas e montar uma banda, incentivar a discussão sobre os papéis sociais reservados às mulheres e defender algumas bandeiras feministas, como por exemplo a liberdade sexual e reprodutiva. Para alcançar este objetivo elas faziam o uso de um discurso de forte carga emocional, característico do punk rock, defendendo a amizade entre garotas para superação de barreiras comuns (RODRIGUES, 2006, p. 24).

Através disso, discutimos os modos de produção feminista, refletindo como um grupo de mulheres jovens organizaram um movimento de contracultura e criaram com isso uma nova maneira de produzir músicas a partir do feminismo empírico e de uma linguagem própria que buscava privilegiar, sobretudo, as falas pessoais e os testemunhos das mulheres. O que revela o ponto característico dessas produções:

a valorização do cotidiano, o tom biográfico do relato, a linguagem ‘espontânea’ e que não se identifica com o feminismo acadêmico, a recusa à heteronormatividade, a rejeição aos padrões dominantes de beleza, o questionamento da educação diferenciada entre meninos e meninas e a recusa da naturalização do gênero (CASADEI, 2012, p. 207).

Pensando neste modo de produção feminista e alternativa, analisamos o Manifesto *Riot Grrrl*, texto responsável por dar forma às ideias do que poderia se constituir tal movimento e destacamos as *fanzines*, revistas artesanais, como sendo outro instrumento importante para a construção da militância *Riot Grrrl*. Para uma contextualização histórica, abrimos um tópico para discutir a relação do feminismo com a arte, apontando as formas pelas quais o feminismo reverberou nas produções artísticas das mulheres do século XX e XXI.

No capítulo segundo, nos voltamos para o movimento *Riot Grrrl* no Brasil. Discorremos sobre a chegada do movimento no Brasil e o seu impacto nas produções de mulheres situadas no cenário alternativo da produção cultural. Nesta perspectiva, fizemos um breve levantamento e citamos

algumas bandas que fazem parte do *Riot Grrrl* brasileiro. Ainda pensando sobre as produções feministas, também os mais importantes festivais originados a partir da organização de mulheres *Riot Grrrl*. Com isso, buscamos evidenciar outras formas de produção advinda deste movimento, que não se restringe ao cenário musical, promovendo também encontros e debates entre as mulheres. A promoção desta reunião entre mulheres é importante tanto no caráter artístico como na afirmação identitária, apontando para a questão da importância da representatividade que, conforme afirma Judith Butler (2016):

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (BUTLER, 2016, p. 18).

Neste sentido, ainda neste capítulo, apontamos brevemente a representatividade no que diz respeito às questões raciais e sexuais, apontando como essas questões se apresentam no discurso *Riot Grrrl*.

No terceiro, e último, capítulo nos dedicamos a discutir a questão das denúncias e combates às violências cometidas contra as mulheres evidentes nas composições selecionadas. Para isso nos debruçamos sobre os conceitos de violências estabelecidos por teóricas como Rita Segato, Heleieth Saffioti e Johan Galtung, por exemplo. Assim, reconhecemos que a violência pode se apresentar obedecendo a três categorias básicas, de acordo Galtung (2005): a cultural, a direta e a estrutural/indireta. Além disso, pensando nas relações de gênero, refletimos sobre a hierarquia da violência que permite que tanto homens como mulheres exerçam o papel de agressores, no entanto, o sistema de dominação patriarcal garante ao homem o poder sobre a mulher, permitindo que mulheres estejam na base do sistema hierárquico de violência:

Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. Homens subjugados no reino do trabalho por uma ou mais mulheres detêm poder junto a outras mulheres na relação amorosa (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

Este capítulo divide-se em duas partes em que, ao todo, 9 canções são analisadas e interpretadas. Na primeira parte, retomando pesquisa anterior, nos detivemos ao debate da violência vertical, ou seja, a violência cujo o agressor é o homem. Neste momento, refletimos sobre a violência simbólica, sexual, física e sobre o feminicídio, a partir das músicas escolhidas. Na segunda parte deste capítulo, abordamos a problemática da violência horizontal, também conhecida por hostilidade horizontal. Por violência horizontal compreendemos ser a violência cometida por uma mulher contra outra mulher. Consideramos importante salientar que tal violência é impulsionada

pelo sistema patriarcal, responsável por criar mecanismos de opressão contra as mulheres e fazê-las acreditar que se trata de uma questão natural do ser mulher. Neste ponto, discutimos sobre sororidade, apoio mútuo e empoderamento feminino, sempre a partir dos discursos encontrados nas canções selecionadas.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASADEI, Eliza Bachega. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. In: *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 197-214, jan.-jun de 2013.

COELHO, Teixeira. Cultura e negatividade. In: *A cultura e seu contrário: Cultura, arte e política pós 2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, p. 91

GALTUNG, Johan. Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-européia. In: *Revista Crítica de Ciência Sociais*, 71, p. 63-75, junho 2005.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. *O grito das garotas*. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/doc/Dissertacao_211.pdf, acessado em 12 de abril de 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.